



28 – O Outro Lado de Abril

P. *Boa tarde. Este é mais um programa da responsabilidade da Caritas Diocesana de Portalegre e Castelo Branco.*

Estamos em Abril, vésperas de mais uma celebração da chamada “revolução dos cravos”. Em tempo de efeméride, vem ao de cima a recordação dos acontecimentos que lhe deram origem. É o que acontece com esta data simbólica, por isso começo por perguntar ao Elicídio Bilé:

- A chama que se acendeu em 25 de Abril de 1974 ainda se mantém acesa?

R. Boa tarde.

A pergunta é curiosa. Vejamos: com o curso da vida e o desenrolar da história, sucedem-se as gerações e, mesmo os acontecimentos mais marcantes, acabam por ter uma leitura menos emotiva, porque não foi vivenciada. Para além disso as mudanças operadas e agora amadurecidas pelo tempo, apresentam-nos outra realidade que não se ficou no cravo colocado no cano de uma espingarda.

Como sabe, o mês de Abril traz uma série de sentimentos que, de algum modo, influenciam o estado de espírito das pessoas.

Nesta última semana tem-se falado de um só dia de Abril, o dia 25. Não com o mesmo entusiasmo de anos anteriores, fruto dos tempos, como dissemos.

É verdade que se trata de um dia muito especial para ser lembrado e vivido, por isso hesitei muito em falar, hoje, sobre este tema, para não ser mais uma voz a juntar-se a tantas outras.

Mas, porque não vou falar de um só dia de Abril como a maioria das pessoas, e porque Abril representa mais do que palavras, pois a maior parte do que se ouve são só palavras, vou mesmo fazê-lo.

P. *Quer dizer que o mês de Abril tem outros significados históricos de igual relevância?*

R. A relevância dos acontecimentos são distintas e não são comparáveis mas, a história da humanidade mostra-nos que o mês de Abril é rico em significados.

Abril foi para as diferentes épocas e para os mais variados povos o mês da alegria, da paz, da serenidade.

Abril representa a primavera, o início de uma nova estação, onde a vida se renova e tudo recomeça:

- É o início de uma nova floração que vai produzir novos frutos. Os campos revestem-se de colorido, os pássaros entoam os seus hinos, os regatos correm para as ribeiras, ouve-se o som da vida a correr no seio da natureza.
- É o mês das primícias, dos primeiros frutos
- É o abraço da liberdade retomada após o frio, triste e nostálgico do Inverno.
- Abril é, também, o mês em que o homem retoma a esperança, retoma os planos para o futuro, para o verão que se lhe vai seguir.
- É o sol quente que desponta e anima.
- É a festa da primavera que os povos da antiguidade celebravam com devoção, e que unia toda a comunidade e todas as comunidades sem excepção.
- Abril é, igualmente, o poema que os poetas compuseram e que o povo quase em uníssono cantou.

E, eu sinto-me, neste contexto, muito pequenino para escrever ou dizer seja o que for que não seja a simples contemplação destas maravilhas e participante na sua preservação.

Mas Abril tem outra face, mais obscura e tenebrosa, perante a qual não devo ficar calado.

- Porque Abril é também o mês de que alguns se querem apropriar como se Abril fosse pertença sua e exclusiva e, em nome da liberdade que ele representa, colhem cravos em canteiros próprios e nos canteiros dos outros deixando-os completamente desflorados;
- Porque Abril é também o mês de que alguns se apropriam dos primeiros frutos que a primavera libertadora faz brotar;
- E dos outros que consideram que a liberdade é “canhota” e não pode ser ambidextra;

- Alguns, ainda, consideram Abril como um rio, sem pontes, que separa as duas margens – a margem de lá e a margem de cá – e gritam:

- Abaixo a outra margem.

- Esta margem ao poder, e já!

E cheios de entusiasmo balofo proclamam:

- Abril é festa é a alegria do Povo...

- Mas, de qual povo? - Pergunto eu.

(Desculpem a minha ignorância...)

É que, com tanta alegria, realmente, quem se vai lembrar dos que ficaram sem emprego e dos sem abrigo e dos marginalizados da sociedade?

Com tanta alegria, quem repara nos imigrantes explorados que nos demandam em busca de melhor condições de vida para si e para as suas famílias?

E nos milhares de portugueses que, segundo os últimos estudos, passam fome?

A estas e outras perguntas de igual teor, respondem os tais:

- Coitados, tiveram azar!
- Estão assim por culpa dos da margem de lá.

Ah! Como tudo seria tão diferente se Deus se tivesse lembrado de fazer duas primaveras e dois calendários, um para cada margem.

- Deus enganou-se, de certeza.

P. *Nas suas palavras, parece existir algum pessimismo que não lhe é habitual. É pessimismo ou ironia?*

R. Como, por diversas vezes tenho referido, sou um homem de esperança e não tenho por hábito ser pessimista. Também já não é a primeira vez que utilizo dois estilos na mesma conversa. Começando de forma séria e passando pela ironia. Por isso também não é a primeira vez que peço desculpa por esse facto. Mas a verdade é que, tendo Abril outra face, também não podia referir-me a ela da mesma forma.

É que, quando utilizamos uma linguagem mais séria, a maioria das pessoas ouve mas não escuta, enquanto que, a ironia e a metáfora, espevitam consciências, motivam a atenção e levam-nos a agir em conformidade.

Desta vez, vou deixar a ironia no meio, não vá melindrar alguma das margens do rio de que falava, não me furtando, contudo, a deixar o meu pensamento sobre esta matéria.

- Enquanto os homens, todos os homens, não respeitarem as liberdades individuais de cada homem, não teremos ganho verdadeiramente Abril.
- Enquanto não respirarmos, todos nós, o mesmo ar que nos alimenta a vida, as conquistas que Abril representa serão mera utopia.
- Enquanto os homens não considerarem que todas as cores são importantes na natureza e que todas as cores devem ser vistas sem qualquer tipo de cegueira, falar de liberdade é invocar em vão a esperança que Abril representou.

S. Paulo numa carta que escreveu aos Gálatas diz:

“Foi para a liberdade que vós fostes chamados.

Por isso, não deveis deixar que essa liberdade se torne em ocasião para satisfazer os vossos apetites.

É que toda a lei se cumpre plenamente numa única palavra:

- Ama o teu semelhante como a ti mesmo.

Mas, se vos mordeis uns aos outros, cuidado, não sejais consumidos uns pelos outros.”

P. *De tudo o que nos disse, sentimos que associou Abril à liberdade em várias vertentes. Podemos inferir que estão em causa os valores da liberdade?*

P. Seria abusivo fazermos essa leitura mas, na realidade, constatamos que o exercício da verdadeira liberdade está cerceado em muitos sectores da vida pública e social. Aliás, como se recorda, fizemos um programa sobre o a liberdade e a cidadania, há alguns meses atrás, no qual fizemos uma longa abordagem sobre o assunto.

Hoje, com esta frase de S. Paulo, poderia terminar esta nossa conversa, no entanto, vale a pena olhar mais longe e perscrutarmos o pensamento da Igreja sobre os condicionalismos ao exercício da liberdade que foi inspiradora, como vimos, de tantos momentos da história da humanidade.

A história é sempre centrada no Homem e tem o Homem como fundamento da vida.

Assim, numa primeira linha, o Catecismo da Igreja Católica, no n.º 131, fala-nos do homem como ser único e irrepitível. Diz o seguinte:

“O homem existe como ser único e irrepitível, existe como «eu», capaz de autocompreender-se, de autopossuir-se, de autodeterminar-se. A pessoa humana é um ser inteligente e consciente, capaz de reflectir sobre si mesma e, portanto, de ter consciência dos próprios actos. Não são, porém, a inteligência, a consciência e a liberdade a definir a pessoa, mas é a pessoa que está na base dos actos de inteligência, de consciência, de liberdade. Tais actos podem mesmo faltar, sem que por isso o homem cesse de ser pessoa. A pessoa humana há-de ser sempre compreendida na sua irrepitível e ineliminável singularidade. O homem existe, com efeito, antes de tudo como subjectividade, como centro de consciência e de liberdade, cuja história única e não comparável com nenhuma outra, expressa a sua irreductibilidade a toda e qualquer tentativa de constrangê-lo dentro de esquemas de pensamento ou sistemas de poder, ideológicos ou não. Isto impõe, antes de tudo, a exigência não somente do simples respeito por parte de todos, e especialmente das instituições políticas e sociais e

dos seus responsáveis para com cada homem desta terra, mas bem mais: isto comporta que o primeiro compromisso de cada um em relação ao outro, e sobretudo destas mesmas instituições, seja precisamente a promoção do desenvolvimento integral da pessoa.”

P. *Ora, uma das grandes questões que hoje se colocam aos povos é o exercício da liberdade e a definição dos seus limites. Pergunto-lhe: - Torna-se necessário impor limites à liberdade para que haja verdadeira liberdade?*

R. A liberdade não se deve impor por decreto. A liberdade é um valor supremo que deriva da lei natural – Deus criou o Homem livre.

Quando o Homem não consegue autoregular-se é necessário que a comunidade através dos seus representantes o faça. A lei não seria necessária se o Homem possuísse todas as condições para o exercício do livre arbítrio. Mas, vejamos o que nos diz o Catecismo da Igreja Católica:

“O recto exercício do livre arbítrio exige precisas condições de ordem económica, social, política e cultural que «são por demais desprezadas e violadas. Estas situações de cegueira e de injustiça abalam a vida moral e colocam tanto os fracos como os fortes na tentação de pecar contra a caridade. Afastando-se da lei moral, o homem atenta contra a sua própria liberdade, torna-se prisioneiro de si mesmo, quebra os laços de fraternidade com os seus semelhantes e rebela-se contra a verdade divina». A libertação das injustiças promove a liberdade e a dignidade humanas: porém é «necessário, antes de tudo,

apelar para as capacidades espirituais e morais da pessoa e para a exigência permanente de conversão interior, se se quiser obter mudanças económicas e sociais que estejam realmente ao serviço do homem»."

Como vê, o pensamento da Igreja é claro sobre esta matéria.

Quando se acusa o Homem de não ter capacidade para exercer livremente a sua liberdade, e que é cada vez mais necessário e imperioso que o Estado o substitua na regulação deste direito natural, estamos perante um erro político.

Em primeiro lugar é necessário que o Estado crie condições de ordem económica, social, política e cultural, como diz o documento e todos nós o sentimos, estas condições estão longe de serem proporcionadas aos cidadãos. Mais do que isso, essas condições são sucessivamente desprezadas e violadas, o que leva o homem a afastar-se cada vez mais dos valores morais e a perder o sentido da partilha dos bens e dos afectos, ficando prisioneiro de si mesmo.

P. *Podemos dizer, então, que a liberdade só existe num ambiente de verdade?*

R. Não só a liberdade, mas tudo na vida requer verdade. No caso da liberdade, deve existir um vínculo com a verdade, mas também com a lei natural que, como dissemos, deriva de Deus.

Sobre isto, a Doutrina Social da Igreja é bem clara, quer através do Catecismo da Igreja Católica, quer das palavras de João Paulo II na carta encíclica "*Veritatis Splendor*" – o "Esplendor da Verdade", que diz:

“No exercício da liberdade, o homem opera actos moralmente bons, construtivos da pessoa e da sociedade, quando obedece à verdade, ou seja, quando não pretende ser criador e senhor absoluto desta última e das normas éticas. A liberdade, com efeito, «não tem o seu ponto de partida absoluto e incondicionado em si própria, mas na existência em que se encontra e que representa para ela, simultaneamente, um limite e uma possibilidade. É a liberdade de uma criatura, ou seja, liberdade dada, que deve ser acolhida como um gérmen e fazer-se amadurecer com responsabilidade». Caso contrário, morre como liberdade, destrói o homem e a sociedade.”

P. *Depois desta citação e, atendendo ao tempo de que dispomos para a nossa conversa, peço-lhe que conclua resumidamente aquilo que dissemos esta tarde.*

R. Termino com a preocupação que expressei no início.

Ninguém é detentor da verdade absoluta, por isso, na planificação, no desenvolvimento e na análise aos acontecimentos da nossa vida colectiva, devem ser tidos em conta o conjunto das pessoas, a sua diversidade, os seus carismas e os valores políticos, cívicos e culturais de cada comunidade.

A verdadeira liberdade está em valorizar e respeitar a liberdade individual de cada pessoa. Ninguém pode apropriar-se do bem comum, das conquistas colectivas e, muito menos, de franjas de cidadãos que, pelas mais diversas vicissitudes da vida, vivem alguma instabilidade e têm tanto direito a ser livres e a ser respeitados como os demais.

Falámos de Abril. Olhámos para as suas diversas facetas. Importa, agora, que consigamos ser dignos das conquistas que foram obtidas, que saibamos ler os sinais dos tempos e vivermos verdadeiramente como filhos de Deus, que ama cada homem de igual modo.

Falámos também e mais uma vez de liberdade.

Sejamos livres na verdade e pela verdade.

Muito boa tarde.

P. Agradeço ao Elicídio Bilé que, mais uma vez esteve connosco, para nos falar de liberdade, em véspera da celebração do 34.º aniversário do 25 de Abril.

Agradeço-lhe, também, porque dignificou esta efeméride sem cair nos lugares-comuns a que estamos habituados e por ter aberto horizontes para uma vivência mais digna da liberdade individual de cada cidadão.

Muito Boa tarde.

Portalegre, 23 de Abril de 2008

Elicídio Bilé